

O impacto da orientação política da América Latina no avanço da República Popular da China na região*

DR. EVAN ELLIS

Atualmente, a América Latina está passando por mudanças políticas sem precedentes. Este fenômeno é caracterizado pelas recentes vitórias eleitorais de candidatos de centro-esquerda no México, em 2018; na Argentina, em 2019; no Peru, Honduras e Chile, em 2021; e no Brasil e na Colômbia, em 2022, e pela consolidação do poder por regimes populistas autoritários na Venezuela e Nicarágua.¹ Também testemunhou o aparecimento de regimes populistas não esquerdistas, exemplificados pelo regime de Nayib Bukele em El Salvador, que estão menos inclinados a cooperar com os princípios dos EUA em matéria de democracia e direitos humanos.² Por outro lado, os regimes eleitos para o poder na Argentina, Equador e Paraguai em 2023 adotaram uma orientação fortemente pró-EUA, rejeitando parcerias políticas com a República Popular da China (RPC) e outros atores extra hemisféricos, e procuraram a ajuda dos EUA para enfrentar os graves desafios econômicos, de segurança e outros. Tanto no Chile como no Peru, os regimes com orientações políticas de centro-esquerda têm-se revelado fortes aliados dos EUA na região, embora enfrentem sérios desafios políticos e socioeconômicos internos.

Coincidindo com a mudança política da América Latina está o envolvimento contínuo da RPC e suas entidades corporativas na região. Este compromisso engloba um crescente componente política, exemplificada não só pela Iniciativa Cinturão e Rota (ICR) da China, mas mais recentemente pela sua Iniciativa de Desenvolvimento Global (GDI) e pela Iniciativa de Segurança Global (GSI), que ampliaram o âmbito do envolvimento da RPC na região.³ Além disso, a RPC promoveu laços mais estreitos com a América Latina por meio de iniciativas como o fórum China-CELAC (Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos) e os seus atuais grupos de trabalho.⁴ O reconhecimento diplomático da RPC pela Nicarágua e Honduras e a rápida expansão da infraestrutura e de outros projetos da RPC com estes países, bem como os compromissos militares em curso,

*Publicado em inglês, espanhol e português em colaboração com a Revista de Assuntos do Indo-Pacífico da USAF.

como a entrega de milhares de coletes e capacetes à prova de bala ao Panamá e à Costa Rica, realçam como o envolvimento da RPC na região vai além da cooperação militar.⁵ Um número recorde de líderes latino-americanos viajou para a RPC em 2023, com a perspectiva de viagens do presidente da RPC, Xi Jinping, à região em 2024. Ao mesmo tempo, as dificuldades econômicas na RPC limitaram o número de novos empréstimos e projetos de investimento importantes para a região.

Autoridades do governo dos EUA e acadêmicos emitiram alertas sobre a relação negativa entre o envolvimento da RPC e governos autoritários e esquerdistas na região latino-americana.⁶ Reciprocamente, a erosão da influência dos EUA devido às mudanças políticas na região, juntamente com a escalada das tensões entre os EUA e a China e a possibilidade de um conflito decorrente de uma invasão de Taiwan pela RPC, aumentaram coletivamente as preocupações com o avanço da China, em especial no estrangeiro próximo dos EUA.⁷

Embora a RPC e as suas entidades corporativas se envolvam com governos de todo o espectro político em várias regiões, os líderes chineses afirmam que os seus progressos não têm por objetivo minar os EUA.⁸ Embora a China geralmente se abstenha de formar blocos politicamente aliados ou de apoiar ativamente a derrubada de governos não cooperantes, a literatura existente sugere a presença de uma relação recíproca em que as mudanças políticas em direção a governos populistas de esquerda e autoritários beneficiam a RPC, enquanto o envolvimento da RPC apoia e reforça essas mudanças.⁹

Este estudo analisa a relação entre o tipo de regime no cenário político em mutação da América Latina e a posição da RPC na região, com base nos registros históricos das relações políticas, comerciais e de investimento, nos projetos de infraestrutura e nos acordos de segurança das últimas duas décadas. As conclusões indicam que a RPC se envolve de forma distinta e frequentemente abrangente com governos ideologicamente simpáticos. No entanto, isso não implica necessariamente um maior volume de investimento ou de comércio da RPC. O estudo revela evidências que sugerem que essa relação proporciona benefícios pessoais, assistência técnica e vantagens econômicas que contribuem para a consolidação do poder dentro de regimes não democráticos. No entanto, os dados não estabelecem definitivamente a RPC como o principal fator subjacente ao seu sucesso. Por outro lado, para a RPC, esta pesquisa sugere que sua associação com governos autoritários populistas e de esquerda produz vantagens estratégicas, oportunidades para expandir mercados em tecnologias militares e digitais, e se mostra comercialmente lucrativa para suas empresas, apesar de ser acompanhada por perigos políticos e contratuais.

Metodologia

Este estudo qualitativo incorpora seletivamente dados quantitativos sobre comércio, investimento e outros aspectos da interação da RPC com a região. Dado o extenso escopo e a multidimensionalidade do relacionamento abordado dentro de um espaço limitado, este trabalho é necessariamente de natureza preliminar. Além disso, a disponibilidade de dados impõe muitas limitações a este estudo. Embora existam dados credíveis, contudo imperfeitos, sobre comércio, investimento e projetos de infraestrutura que abrangem a onda inicial de governos populistas de esquerda da região em meados da década de 2000, a análise da mudança política mais recente, que provavelmente começou em 2018 com a posse de Andrés Manuel López Obrador (AMLO) no México, seguido pela volta de um governo peronista de esquerda na Argentina em dezembro de 2019, e expandido em 2021 com vitórias da esquerda nas eleições presidenciais no Peru, Honduras e Chile, bem como em 2022 com o triunfo dos candidatos presidenciais de esquerda na Colômbia e no Brasil, é limitado devido à escassez de dados. A maioria dos dados de séries cronológicas termina em 2021, o que dificulta a análise dos últimos desenvolvimentos.

Para complicar a análise, os acordos entre a RPC e governos populistas autoritários muitas vezes carecem de transparência, particularmente no que diz respeito aos detalhes dos contratos e outros acordos envolvidos.¹⁰ Consequentemente, esta análise baseia-se nos limitados dados publicamente disponíveis encontrados em artigos sobre tais transações.

Além disso, o envolvimento da RPC com o mais recente grupo de governos autoritários de esquerda e populistas coincide com os desafios colocados pela COVID-19 e com os efeitos inflacionistas resultantes da invasão da Ucrânia pela Rússia. Estes fatores distorceram o envolvimento econômico e a contratação pública em todo o espectro político dos governos.¹¹ Por conseguinte, este estudo coloca uma ênfase especial na análise das diferenças de desempenho relativo na região, comparando especificamente os governos populistas autoritários, de esquerda e outros nas suas relações com a RPC, enquanto tenta explicar as distorções regionais e globais.

Para fins analíticos, este trabalho emprega uma categorização imperfeita, mas útil, dos vários tipos de regime na região, dividindo-os em quatro categorias distintas: a “esquerda populista anti-EUA”, a “esquerda democrática”, a “direita populista” e a “direita e centro democráticos”. A esquerda populista anti-EUA inclui Cuba e Venezuela, o governo do Equador de Rafael Correa de 2006–2017, a Bolívia de Evo Morales (2006–2018) e a Nicarágua do governo sandinista de Daniel Ortega (2007–presente). A esquerda democrática inclui o governo da

Argentina (exceto o de Mauricio Macri, 2015–2019), o Brasil dos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff (2003–2014, 2022–presente), Chile (com exceção dos governos de Sebastián Piñera de 2010–2014 e 2018–2022), o Peru, de Pedro Castillo e Dina Boluarte (2021–presente), Honduras, de Manuel Zelaya (2006–2009) e de Xiomara Castro (2022–presente), El Salvador, de Mauricio Funes e Salvador Sánchez Cerén (2009–2019), e México, de AMLO (2018–presente). O governo de Nayib Bukele em El Salvador (2019 até o presente) é incluído como o único caso da direita populista “não cooperativa” (em contraste com o alinhamento com os EUA).

Envolvimento político da RPC

Ao longo das duas últimas décadas, governos de todo o espectro ideológico envolveram-se ativamente com a RPC, como demonstram as visitas de Estado, como a viagem do Presidente Álvaro Uribe, da Colômbia, a Pequim em abril de 2005, e a visita de Miguel Díaz-Canel, de Cuba, em dezembro de 2022.¹² Os regimes populistas anti-EUA têm geralmente demonstrado uma maior inclinação para a cooperação política com a RPC, embora a RPC tenha, de um modo geral, evitado apoiar as declarações anti-EUA feitas por esses regimes.

Quase todos os Estados reconhecidos pela RPC como “parceiros estratégicos” ou “parceiros estratégicos abrangentes” eram de centro-esquerda quando a relação foi estabelecida. No entanto, é de salientar que o governo comunista de Cuba, o primeiro a reconhecer diplomaticamente a RPC em 1959, nunca foi reconhecido como um parceiro estratégico.

No que diz respeito à adesão à Iniciativa Cinturão e Rota da China (ICR), as obrigações exatas tanto para a RPC como para os membros participantes permanecem pouco claras. No entanto, governos de todo o espectro político da América Latina aderiram à ICR, após o reconhecimento pela China da extensão do conceito ao Hemisfério Ocidental, com a adesão do Panamá em junho de 2018.¹³ No entanto, um pequeno número de Estados latino-americanos, principalmente não esquerdistas e fortemente alinhados com os EUA, como o Brasil de Jair Bolsonaro e a Colômbia de Iván Duque, optaram por não aderir à ICR. Por outro lado, a mudança de um governo de direita para um governo de esquerda na Argentina em 2019 pareceu ser um fator crucial na sua decisão de assinar a ICR em março de 2022. Mudanças semelhantes nos governos do Brasil e da Colômbia suscitaram especulações de que os regimes de esquerda de ambos os países aderirão ao ICR durante as próximas visitas presidenciais.¹⁴

Comércio

No comércio, os regimes populistas de esquerda anti-EUA testemunharam uma expansão da sua participação no comércio total com a RPC, em comparação com a sua proporção no comércio com os EUA. Embora outros tipos de regimes também tenham registado um aumento do comércio com a RPC, o crescimento tem sido, em geral, mais substancial para os regimes de esquerda populistas anti-EUA. Surpreendentemente, mesmo após a substituição de regimes populistas de esquerda anti-EUA por outros, a percentagem do comércio com a RPC continua em expansão. Esta tendência pode indicar o estabelecimento de fortes laços com a RPC durante a era populista, juntamente com a maior viabilidade de conduzir negócios sob governos mais institucionalizados.

Como base de referência, em 2002, o comércio da América Latina representava 5% do seu comércio com os EUA. Este número cresceu para 12 por cento em 2006 e atingiu 47 por cento em 2021.¹⁵

Na Venezuela, em contraste com o valor de referência, a proporção do comércio com a RPC em relação ao seu comércio com os EUA aumentou de 2% em 2002 para 54% em 2017. Posteriormente, experimentou uma expansão desigual, atingindo 166% do comércio venezuelano com os EUA em 2021, durante o auge das sanções dos EUA contra o regime de Nicolás Maduro.¹⁶

O comércio do Equador com a RPC registou um crescimento significativo durante o mandato do governo populista de esquerda antiamericano de Rafael Correa. No início do mandato de Correa, em 2006, o comércio com a RPC representava 8% do comércio do Equador com os EUA. Com a eleição de Lenin Moreno em 2017, este valor subiu para 37%. Posteriormente, o comércio com a RPC continuou a aumentar, atingindo 83% do comércio do Equador com os EUA em 2021.¹⁷

Na Bolívia, quando o populista de esquerda Evo Morales assumiu o poder em 2006, o comércio do país com a RPC constituía 18% do seu comércio com os EUA. Quando Morales deixou o poder em 2018, o comércio com a RPC tinha atingido 110% do comércio da Bolívia com os EUA. Em 2021, o comércio da Bolívia com a RPC expandiu ainda mais, atingindo 156% do seu comércio com os EUA.¹⁸

Para comparar o crescimento do comércio entre a RPC e os regimes de esquerda mais democráticos, na Argentina, o comércio com a RPC representava 28% do seu comércio com os EUA em 2002. Esta porcentagem diminuiu para 0,97% quando a peronista de esquerda Cristina Fernández de Kirchner assumiu o poder em 2007. Durante o seu mandato, o comércio oscilou de forma irregular, mas acabou por atingir 110% no final do seu mandato em 2015. Sob o regime de centro-direita de Mauricio Macri, o comércio com a RPC diminuiu para 81% do

comércio da Argentina com os EUA, antes de se recuperar para 138% sob o governo de Alberto Fernández em 2021.¹⁹

Investimento

Os dados revelam que os regimes populistas de esquerda anti-EUA na região receberam um investimento chinês mínimo, particularmente em comparação com os empréstimos de bancos políticos baseados na RPC. Por exemplo, Cuba, apesar de contribuir com aproximadamente 2% para o PIB da região, recebeu apenas 0,2% do investimento direto estrangeiro (IDE) chinês de 2001 a 2021.²⁰ De forma similar, a Venezuela, com uma percentagem do PIB de 9%, recebeu apenas 1,9% do IDE da RPC durante o mesmo período.²¹

Durante o mandato de Evo Morales como líder populista anti-EUA da Bolívia, de 2006 a 2018, o seu regime recebeu apenas 0,1% do IDE da RPC direcionado para a região, apesar de a Bolívia representar 0,7% do PIB da região, de acordo com as estimativas do Banco Mundial.²² Entre os regimes populistas de esquerda anti-EUA, o Equador de Rafael Correa teve um desempenho comparativamente melhor, atraindo 2,9% dos investimentos da RPC para a região durante sua presidência de 2006 a 2017, apesar de a participação do Equador no PIB ser de apenas 1,9%.²³ Isso pode ser atribuído às condições de mercado mais favoráveis do Equador em comparação com a Venezuela e Cuba, permitindo ao país atrair investimentos principalmente nos setores de petróleo e mineração da RPC.

No que diz respeito aos regimes de tendência esquerdista, estes geralmente ficaram aquém das expectativas com base na sua participação no PIB da região na captação de investimento. Por exemplo, a Argentina, que representou 8,9% do PIB da região, recebeu apenas 5,2% do IDE chinês direcionado para a região durante os governos peronistas.²⁴ De forma similar, o México, apesar de representar mais de 23% do PIB da região, recebeu apenas 8,4% do investimento da RPC.²⁵ A única exceção a esta tendência foi o Brasil, que ultrapassou as expectativas com base no PIB. Durante os governos dos presidentes Lula e Dilma, o Brasil recebeu 41% dos investimentos da RPC na América Latina, ultrapassando a sua quota no PIB do continente, que ficou em 29,5%.²⁶

Vale a pena notar que vários investimentos chineses enfrentaram desafios decorrentes dos ambientes politicamente carregados em torno de regimes populistas nascentes com controle limitado sobre as suas populações. Particularmente, os investimentos em petróleo efetuados por empresas sediadas na RPC na região da selva do leste do Equador e os investimentos em mineração na parte sul do país enfrentaram problemas significativos. Entre os exemplos incluem a tomada violenta de um campo petrolífero operado pela RPC em Tarapoa, no Equador, em novembro de 2006, e os violentos protestos contra outra operação petrolífera

chinesa no departamento de Orellana, em 2007.²⁷ No setor de mineração, as comunidades indígenas locais protestaram contra os planos chineses, iniciados durante o regime de Correa, de desenvolver a enorme mina Mirador a céu aberto na província de Zamora-Chinchipe, no sul do Equador.²⁸

No entanto, os investimentos chineses depararam-se com vários desafios relacionados com a mão de obra, relações comunitárias, conformidade ambiental e outras questões nos países onde foram realizados. Os incidentes mais importantes incluem greves frequentes contra as operações de mineração pertencentes à RPC em Marcona, no Peru, por exemplo, em Piura/Rio Blanco e Las Bambas, entre outras.²⁹ Estes incidentes ocorreram tanto sob governos de direita como de esquerda. Do mesmo modo, surgiram dificuldades chinesas em relação à mina de ouro de Buriticá, explorada pela Zijin, em Antioquia, na Colômbia, durante o regime conservador de Duque, tendo a situação persistido durante o governo de esquerda de Gustavo Petro.³⁰

Os investimentos chineses também enfrentaram obstáculos devido a ações tomadas por regimes populistas que visavam o setor privado. Por exemplo, o regime de Correa no Equador forçou a renegociação dos royalties do setor petrolífero pouco depois de o consórcio Andes, com sede na RPC, ter feito um investimento significativo no país. Da mesma forma, o governo AMLO no México promoveu iniciativas para nacionalizar o setor do lítio na sequência de um importante investimento no setor por parte da Ganfeng da China.³¹ Esses casos deram início a negociações entre as empresas sediadas na RPC e o governo populista, que acabaram por resultar em acordos parcialmente favoráveis para a China.³²

Empréstimos e Projetos de Infraestruturas

Em contraste com o comércio e o investimento, os regimes populistas de esquerda anti-EUA, juntamente com alguns regimes de esquerda, têm desfrutado de vantagens significativas em termos de empréstimos da RPC e de projetos de infraestrutura financiados pela RPC.

No que diz respeito aos empréstimos dos dois bancos de política monetária da China, nomeadamente o Banco de Desenvolvimento da China e o Banco Ex-Im da China, os regimes populistas anti-EUA representaram três dos cinco principais beneficiários desses empréstimos entre 2005 e 2019. De acordo com o Banco de Dados Financeiros China-América Latina do Diálogo Interamericano, os 60 bilhões de dólares em empréstimos da Venezuela constituíram 44% de todos os fundos desembolsados durante o período, apesar de o país representar menos de 9% do PIB da região.³³ Do mesmo modo, o Equador recebeu US\$ 18,2 bilhões, o que equivale a 13,3% de todos os fundos desembolsados pelos bancos de fomento baseados na RPC, um valor impressionante para um país que representa apenas

1,9% do PIB da região.³⁴ A Bolívia recebeu US\$ 3,2 bilhões, o que representa 2,3% dos empréstimos desembolsados pelo banco de políticas monetárias da RPC, um feito digno de nota, considerando que a contribuição do PIB do país para a América Latina, que é de apenas 0,7%.³⁵

Os outros dois países que figuram entre os cinco principais beneficiários de empréstimos da RPC, o Brasil e a Argentina, receberam fundos principalmente durante governos de centro-esquerda. Os US\$ 31 bilhões do Brasil constituíram 22,7% de todos os fundos desembolsados pela RPC, um pouco menos do que a sua quota de 30% do PIB da região.³⁶ Os US\$ 17,0 bilhões da Argentina representaram 12% dos fundos desembolsados pela RPC, superando seu papel de 8,9% na economia da região.³⁷

No que diz respeito aos projetos de infraestrutura, a Rede da América Latina e do Caribe sobre a China (abreviada RED ALC-CHINA, em espanhol) com sede no México demonstra uma tendência semelhante. O trabalho é atribuído desproporcionalmente a países populistas autoritários de esquerda simpaticizantes. No entanto, as empresas sediadas na RPC têm aumentado progressivamente a sua capacidade de se envolverem com regimes mais institucionalizados de centro e de direita.

Em termos de países populistas anti-EUA, a Venezuela assegurou 8,2% do total de projetos de infraestrutura da RPC, praticamente o mesmo nível da sua quota de 8,8% do PIB da região.³⁸ Em contraste, apesar de representar apenas 1,9% do PIB da região, o regime de Correa, no Equador, capturou 15,2% dos projetos de infraestrutura da RPC.³⁹ De forma similar, durante seu mandato, o governo Morales na Bolívia obteve 9,9% dos projetos de infraestrutura da RPC, apesar de o país contribuir com apenas 0,7% do PIB da região.⁴⁰ Deve-se salientar que Cuba, apesar do seu isolamento, assegurou 5,2% dos projetos de infraestrutura da RPC, mais do dobro do valor esperado com base na sua quota de 2% do PIB da região.⁴¹

Entre outros governos de esquerda, a capacidade de captar projetos de infraestrutura chineses variou significativamente, o que indica a influência de fatores específicos de cada país. Entre os governos de esquerda, a Argentina destacou-se por ter um desempenho superior, assegurando 29% dos projetos de infraestrutura da RPC concedidos durante o mandato dos governos peronistas argentinos.⁴² Este feito é digno de nota, considerando que a Argentina produz apenas 8,9% do PIB da região, embora este número esteja distorcido devido à inclusão do enorme, mas atualmente paralisado reator nuclear Atucha-III.⁴³

Por outro lado, o Brasil teve um desempenho inferior no recebimento de projetos de infraestrutura durante os governos Lula e Dilma, obtendo apenas 10% dos projetos aprovados pela RPC.⁴⁴ Este resultado pode ser atribuído à presença dominante da empresa de construção brasileira, a Odebrecht, e do seu banco de

política monetária, o BNDES, antes da exposição do escândalo da “Lava Jato”, que levou à queda da Odebrecht. O México também ficou aquém, recebendo apenas 9,1% dos projetos de infraestrutura da RPC durante o mandato de AMLO, apesar de o México representar 23,3% do PIB da região.⁴⁵ Da mesma forma, o Peru, entre os governos de esquerda, recebeu apenas 0,3% dos projetos de infraestrutura chineses concedidos em 2021, durante o primeiro ano de mandato de Pedro Castillo, apesar de sua participação de 4,1% no PIB.⁴⁶ Este resultado provavelmente reflete o caos político que prevalece e o ambiente de investimento incerto associado ao país durante esse período.

Em contrapartida, o Chile, sob governos de esquerda, teve um desempenho alinhado com as expectativas, assegurando 7,9% dos projetos de infraestrutura durante os governos da Concertación liderados por Michelle Bachelet. Este resultado está de acordo com a contribuição do Chile para o PIB da região, que é de aproximadamente 5,8%.⁴⁷

Além das considerações numéricas, as empresas chinesas enfrentaram desafios significativos na região, particularmente no que diz respeito à qualidade e desempenho dos projetos. Seus projetos de infraestrutura estavam mergulhados em conflitos com governos e comunidades locais devido ao não cumprimento das normas ambientais e de trabalho, bem como consultas comunitárias inadequadas. Na Venezuela, quase nenhum dos grandes projetos de infraestrutura da China foi concluído com sucesso.⁴⁸

Da mesma forma, no Equador, os grandes projetos hidrelétricos da China enfrentaram uma infinidade de problemas. A central hidrelétrica de Coca Coda Sinclair sofreu com milhares de defeitos estruturais e houve incidentes lamentáveis de mortes durante a construção das centrais de Coca Coda Sinclair e Delsitansagua.⁴⁹ A China Water and Electric, empresa sediada na RPC responsável pelo projeto Toachi Pilaton, foi multada, assim como a China National Electric Equipment Corporation (CNEEC) pelo fraco desempenho do projeto nas instalações de Mazar Dudas e Quijos. Como resultado do não cumprimento do projeto, a CNEEC foi finalmente retirada do projeto Quijos em 2016.⁵⁰

Na Bolívia, todos os três grandes projetos hidrelétricos, bem como os projetos rodoviários e ferroviários empreendidos pela China, foram afetados por greves e atrasos. Consequentemente, dois projetos ferroviários foram retirados dos empreiteiros da RPC devido à sua incapacidade de cumprir os requisitos do projeto, entre outras ações.⁵¹

Os projetos chineses também encontraram dificuldades em países não populistas, mas a presença de uma fiscalização mais forte do governo facilitou medidas corretivas antes que a situação se agravasse para proporções extremas.

Taiwan

Desde 2007, seis países da região mudaram suas relações diplomáticas de Taiwan para a RPC. Estes países são Costa Rica, Panamá, República Dominicana, El Salvador, Nicarágua e Honduras. Apesar das relações historicamente estreitas com os EUA, como se pode ver nos casos do Panamá, da República Dominicana e, anteriormente, de El Salvador, os regimes que mudaram de relações têm tido uma série de orientações ideológicas.⁵² Contudo, em quase todos os casos, exceto na Costa Rica, uma divergência do alinhamento político do país com os EUA parece ter influenciado a decisão de mudar o reconhecimento diplomático. Por outro lado, os demais países que apoiam firmemente Taiwan incluem regimes ideologicamente conservadores na Guatemala e no Paraguai, que se têm mostrado relutantes em se tornarem vulneráveis à influência da RPC por meio do estabelecimento de relações diplomáticas e da expansão de outros laços.

A mudança nas relações diplomáticas teve consequências políticas para pelo menos dois dos países que fizeram a mudança: o Panamá e a República Dominicana. Em ambos, a mudança contribuiu indiscutivelmente para a eleição de novos governos.⁵³ Estes novos governos impuseram uma fiscalização mais rigorosa dos projetos que envolvem a China, no âmbito de um esforço mais amplo para reequilibrar as relações com a RPC, mantendo simultaneamente boas relações com os EUA.

Entre os países que mudaram de reconhecimento diplomático, a RPC e as suas empresas tiveram dificuldades significativas no avanço dos seus projetos nos países com regras institucionais fortes e transparência, incluindo a Costa Rica e o Panamá, que encontraram desafios significativos no avanço dos projetos da RPC. Por outro lado, a Nicarágua, uma nação populista anti-EUA, apresentou relativamente poucas dificuldades à RPC no avanço das suas iniciativas, incluindo um acordo de livre comércio, mas o regime de Ortega na Nicarágua, uma nação politicamente isolada, foi provavelmente o que menos lucrou com a RPC em troca da sua mudança de reconhecimento.⁵⁴

Forças Armadas

De modo geral, todos os países da região que mantêm laços diplomáticos com a RPC se envolveram em intercâmbios militares. Enviaram delegações das suas instituições militares à RPC e receberam visitas do Exército Popular de Libertação (ELP). Além disso, algumas equipes destes países viajaram para a RPC para treinamento e educação militar profissional (PME).⁵⁵ No entanto, os países com laços mais estreitos com os EUA, como a Colômbia de Duque e o Brasil de Bolsonaro, têm exercido cautela para evitar comprometer as suas relações com Washington ao acolher equipes do ELP, forças e delegações militares chinesas. De

fato, ambos os governos reverteram as políticas de governos anteriores, incluindo a suspensão de convites a delegações do ELP para o curso Lancero na Base Aérea de Tolemaida, na Colômbia.⁵⁶

No que diz respeito a materiais militares, as empresas de armamento chinesas venderam ou forneceram uma vasta gama de equipamento militar aos países da região. Mesmo regimes conservadores, como o governo colombiano de Uribe, receberam equipamentos não letais como presentes da China.⁵⁷ As doações chinesas às forças militares e policiais foram estendidas a países de todo o espectro político, de governos de esquerda a governos de direita.⁵⁸ Aparentemente, as forças armadas de menor porte e/ou subfinanciadas, incluindo os da Guiana e Trinidad e Tobago, bem como do Uruguai, receberam prioridade no recebimento de tais doações.⁵⁹

Em termos de venda de armas, existe um contraste entre doações e compras, uma vez que os regimes populistas de esquerda anti-EUA assumiram a liderança na aquisição de equipamentos militares da RPC. Exemplos de destaque incluem a compra pela Venezuela de aviões de combate K-8, radares JYL-1 e JY-27A, a aquisição pelo Equador de radares e mais de 700 veículos militares e a aquisição pela Bolívia de helicópteros e caminhões militares chineses.⁶⁰ A Argentina, com seu governo peronista muitas vezes alinhado a ideologias populistas, comprou veículos blindados chineses e considerou comprar aeronaves chinesas FC-1, que seriam as aeronaves de combate chinesas mais avançadas vendidas para a região.⁶¹

No entanto, as vendas de armas chinesas não se limitaram apenas aos regimes populistas ou de esquerda anti-EUA. O Peru, por exemplo, passou de receber caminhões militares chineses como presentes para comprar o sistema de lançamento múltiplo de foguetes Tipo 90B.⁶² Em 2014, Trinidad e Tobago obteve um navio de patrulha *offshore* chinês (OPV).⁶³ No entanto, os regimes estreitamente alinhados com os EUA geralmente estabeleceram uma distinção entre a aceitação de artigos não letais, como caminhões chineses de dupla utilização e equipamento de engenharia, e a aquisição de equipamento militar diretamente da RPC.

Existem alguns indícios que sugerem que o equipamento militar chinês tem desempenhado um papel na manutenção no poder de regimes autoritários anti-EUA. O equipamento da RPC, incluindo os veículos blindados VN-4 e outros veículos para o controle de motins, foi visivelmente utilizado na repressão dos manifestantes venezuelanos em várias ocasiões.⁶⁴

A compra de equipamento chinês também tem sido associada à corrupção em várias ocasiões. Investigações foram conduzidas sobre supostos esquemas de pagamento de propinas envolvendo veículos a preços superfaturados adquiridos pelas forças armadas da Bolívia e do Peru.⁶⁵

Arquiteturas Tecnológicas

As tecnologias chinesas, incluindo equipamentos de vigilância, telecomunicações e soluções de computação em nuvem, foram vendidas a países de todo o espectro político da região. A rápida expansão da empresa chinesa de transporte compartilhado Didi Chuxing Technology Company (DiDi) tem sido mais notável em países onde as oportunidades comerciais têm sido abundantes, incluindo Colômbia, Panamá, Brasil e o regime Morena, de orientação esquerdista, no México. Em contrapartida, os regimes populistas anti-EUA tiveram oportunidades comerciais limitadas para a DiDi. O crescimento da empresa de comércio eletrônico Alibaba, com sede na RPC, seguiu um padrão semelhante, tal como as decisões tomadas pela Huawei relativamente à localização das suas instalações de computação em nuvem no Chile, Peru e Brasil (todos sob governos de centro ou de direita durante a expansão da Huawei), bem como no México e em Buenos Aires (sob governos democráticos de centro-esquerda).⁶⁶

As empresas da RPC especializadas em arquiteturas de cidades inteligentes e seguras implementaram as suas tecnologias em vários países, incluindo a Argentina e o Uruguai, que têm governos de esquerda. No entanto, também tentaram comercializar as suas soluções (com sucesso limitado) em regimes de direita pró-EUA, como o governo de Iván Duque na Colômbia.⁶⁷

Vale a pena notar que os governos populistas de esquerda anti-EUA têm sido os principais utilizadores das arquiteturas de vigilância e controle chinesas, juntamente com as tecnologias digitais associadas. Exemplos notáveis incluem a implementação do “Cartão de Identidade da Pátria” pela empresa chinesa ZTE para o governo populista anti-EUA da Venezuela. Este cartão tem sido exigido para várias atividades, incluindo votar, obter rações de alimentos escassas e receber vacinas chinesas e russas contra o COVID-19.⁶⁸ Outros exemplos incluem os sistemas nacionais de vigilância e resposta ECU-911 no Equador e BOL-110 na Bolívia. Além disso, as empresas chinesas desempenharam um papel significativo no desenvolvimento de arquiteturas de comunicação para a empresa cubana de telecomunicações ECTESA, ajudando no isolamento digital e na censura dos manifestantes durante a repressão do governo cubano aos protestos a nível nacional em julho de 2021.⁶⁹

Resumo das observações

O padrão do envolvimento chinês com regimes populistas de esquerda anti-EUA, em comparação com outros regimes de esquerda e regimes de centro e direita alinhados com os EUA, e o seu impacto na democracia e na dinâmica regional, é complexo. Geralmente, o fator distintivo está na qualidade, e não na quantidade do envolvimento. Os regimes populistas anti-EUA tendem a

envolver-se com a RPC em interações menos transparentes entre estados, principalmente por meio de projetos de infraestrutura baseados em empréstimos e não em investimentos. Também vão mais longe do que os seus homólogos em termos de compras militares da RPC e da implementação de arquiteturas de vigilância e controle da RPC. Estas arquiteturas, combinadas com o equipamento militar e policial chinês, ajudam, em certa medida, os populistas autoritários a exercer controle sobre as suas populações.

Por outro lado, há evidências que sugerem que certos países estreitamente alinhados com os EUA evitam certos tipos de compromissos econômicos, militares e tecnológicos com a RPC.

Evidências superficiais indicam que as empresas chinesas enfrentam níveis mais altos de corrupção e desafios de implementação quando operam em regimes populistas anti-EUA. Isso provavelmente reflete uma combinação de fraquezas institucionais e oportunidades para práticas corruptas do lado latino-americano, bem como a inclinação da RPC para tirar proveito de tais situações na medida do possível.

Embora o envolvimento chinês com regimes populistas autoritários parece contribuir para a sobrevivência desses regimes por meio do fornecimento de recursos, segurança e apoio tecnológico, é difícil determinar se esses regimes teriam seguido uma trajetória diferente sem a assistência da RPC.

O cenário político da América Latina continua evoluindo para um maior número de regimes de orientação esquerdista. No entanto, a fragilidade destes regimes, aliada às dificuldades econômicas, restrições fiscais, polarização social e transições para novos governos, ameaça exacerbar as crises políticas e impulsionar soluções governamentais extremas na região.⁷⁰

A boa notícia é que as evidências empíricas não sugerem um caminho inerente ao envolvimento da RPC que leve governos de esquerda em risco ao extremismo populista anti-EUA. Por outro lado, é importante notar que a RPC não tem um interesse estratégico inerente em promover ou manter governos democráticos saudáveis na América Latina se isso implicar limitações no acesso da RPC a bens, mercados e cooperação política.

Os Estados Unidos, a América Latina e o Caribe devem continuar a trabalhar com a RPC no contexto de transparência, instituições fortes e condições equitativas, a fim de promover a saúde econômica e democrática da região.⁷¹ No entanto, é fundamental não esperar que os chineses deem prioridade aos interesses dos parceiros na região em detrimento dos seus próprios interesses, se esses parceiros forem ineficazes no governo e defesa dos seus interesses, uma vez que os chineses defendem os seus próprios interesses nesses países. □

Notas

1. Evan Ellis, “The Struggle for the Soul of the Latin American Left,” *Center for a Secure, Free Society*, 19 de abril de 2022, <https://www.securefreesociety.org/>.
2. Nelson Renteria, “U.S. official says El Salvador relations ‘paused’ for lack of interest,” *Reuters*, 22 de novembro de 2021, <https://www.reuters.com/>.
3. “The Global Security Initiative Concept Paper,” Ministry of Foreign Affairs of the People’s Republic of China, 22 de fevereiro de 2023, <https://www.mfa.gov.cn/>.
4. Evan Ellis and Leland Lazarus, “China’s New Year Ambitions for Latin America and the Caribbean,” *The Diplomat*, (12 de janeiro de 2022), <https://thediplomat.com/>
5. “The People’s Republic of China and the Republic of Honduras Establish Diplomatic Relation,” Ministério das Relações Exteriores da República Popular da China, 26 de março de 2023, <https://www.fmprc.gov.cn/>; Alejo Marchessini, “China dona tres vehículos blindados 8x8 Norinco VN1 al Ejército del Perú,” *Defensa.com*, 14 novembro 2022, <https://www.defensa.com/>; and “China dona miles de equipos tácticos de protección a Panamá,” *Defensa.com*, 14 fevereiro 2023, <https://www.defensa.com/>.
6. “The New Big Brother: China and Digital Authoritarianism,” Washington DC: Comissão de Relações Exteriores do Senado, 21 de julho de 2020, <https://www.foreign.senate.gov/>; e Joel Gehrke, “China selling high-tech tyranny to Latin America, stoking US concern,” *Washington Examiner*, 10 de abril de 2019, <https://www.washingtonexaminer.com/>.
7. Ernesto Londoño, Julie Turkewitz & Flávia Milhorange, “In Latin America, leftist leaders are on the rise amid widespread economic suffering,” *New York Times*, 29 de maio de 2022, <https://www.nytimes.com/>; and Richard Walker, “China and the US: On collision course for war over Taiwan,” *Deutsche Welle*, 29 de dezembro de 2022, <https://www.dw.com/>.
8. Jack Lau, “China drums up support for global security push in Latin America as US looks to Asia,” *South China Morning Post*, 22 de maio de 2022, <https://www.scmp.com/>.
9. Diana Roy, “China’s Growing Influence in Latin America,” (A crescente influência da China na América Latina), Conselho das Relações Exteriores, 12 de junho de 2022, <https://www.cfr.org/>.
10. Virginia Allen, “How Transparent Is China’s Government? Here’s What We Know,” *Daily Signal*, 15 de julho de 2021, <https://www.dailysignal.com/>.
11. Evan Ellis, “Populism, China and Covid-19: Latin America’s New Perfect Storm,” *Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais*, 20 de abril de 2021, <https://csis-website-prod.s3.amazonaws.com/>.
12. “Presidente Uribe Realizará Visita Oficial a China Y Japón,” Alvaro Uribe presidential website, 1 de abril de 2005, <https://alvarouribevez.com.co/>; e Elias Jabbour, “Miguel Diaz-Canel’s strategic visit enhances China-Cuba ties,” *CGTN*, 29 de novembro de 2022, <https://news.cgtn.com/>.
13. Jorge Heine, “Chinese inroads in Panama: Transport hubs and BRI in the Americas,” *Global Americans*, 26 de junho de 2018, <https://theglobalamericans.org/>.
14. “Argentina joins China’s Belt and Road. What are the implications?,” *Projeto China*, 4 de março de 2022, <https://thechinaproject.com/>.
15. “Exports and Imports by Areas and Countries,” Direção das Estatísticas Comerciais, Fundo Monetário Internacional, 2023, <https://data.imf.org/>.
16. “Exports and Imports by Areas and Countries,” Direção das Estatísticas Comerciais, Fundo Monetário Internacional, 2023, <https://data.imf.org/>.
17. “Exports and Imports by Areas and Countries,” 2023.

18. “Exports and Imports by Areas and Countries,” 2023.
19. “Exports and Imports by Areas and Countries,” 2023.
20. Calculated from “América Latina y el Caribe: OFDI china a nivel de empresa (2000-2021),” *Red Académica de América Latina y el Caribe sobre China y Monitor de la OFDI de China en América Latina y el Caribe (2022)*, <https://www.redalc-china.org/>.
21. Calculado a partir da “América Latina y el Caribe: OFDI china a nivel de empresa (2000-2021),” 2023.
22. Calculado a partir da “América Latina y el Caribe: OFDI china a nivel de empresa (2000-2021),” 2023.; e “GDP (current US\$),” Banco Mundial, 2023, <https://data.worldbank.org/>.
23. Calculado a partir da “América Latina y el Caribe: OFDI china a nivel de empresa (2000-2021),” 2023; and “GDP (current US\$),” 2023.
24. Calculado a partir da “América Latina y el Caribe: OFDI china a nivel de empresa (2000-2021),” 2023; e “GDP (current US\$),” 2023.
25. Calculado a partir da “América Latina y el Caribe: OFDI china a nivel de empresa (2000-2021),” 2023; e “GDP (current US\$),” 2023.
26. Calculado a partir da “América Latina y el Caribe: OFDI china a nivel de empresa (2000-2021),” 2023; e “GDP (current US\$),” 2023.
27. “UPDATE 2-Ecuador protesters seize oil workers, slash output,” *Reuters*, 19 de janeiro de 2007, <https://www.reuters.com/>; and “Detenida Prefecta de Orellana por caso Dayuma,” *El Universo*, 9 de dezembro de 2007, <https://www.eluniverso.com/>.
28. “Ecuador: proyecto minero Mirador genera nuevas amenazas de desalojo en Tundayme,” *Monogabay*, 28 de abril de 2022, <https://es.mongabay.com/>.
29. “Las Bambas: Trabajadores de la minera marchan hoy e inician huelga de hambre,” *Infobae*, 18 de maio de 2022, <https://www.infobae.com/>.
30. Julia Symmes Cobb, “Gold diggers: Illegal mining near Colombian town hits Zijin output,” *Reuters*, 18 de maio de 2021, <https://www.reuters.com/>; e “Bloqueo en Buriticá afecta operación de la mina de Zijin y movilidad de más de 1.000 personas,” *El Colombiano*, 14 de fevereiro de 2023, <https://www.elcolombiano.com/>.
31. “Ecuador increasing state control over oil sector,” *BBC*, 27 de julho de 2010, <https://www.bbc.com/>; e “New law ‘throws cold water’ on Mexico’s lithium ambitions,” *BN Americas*, 21 de abril de 2022, <https://www.bnamericas.com/>.
32. Veja, por exemplo, Paloma Duran, “Previously Granted Lithium Contracts Will Be Respected: AMLO,” *Mexico Business News*, 6 de agosto de 2022, <https://mexicobusiness.news/>.
33. Calculado a partir da “China-Latin America Finance Database,” *Diálogo Interamericano*, 2023, <https://www.thedialogue.org/>; and “GDP (current US\$),” 2023.
34. Calculado a partir da “China-Latin America Finance Database,” 2023.
35. Calculado a partir da “China-Latin America Finance Database,” 2023; e “GDP (current US\$),” 2023.
36. Calculado a partir da “China-Latin America Finance Database,” 2023; e “GDP (current US\$),” 2023.
37. Calculado a partir da “China-Latin America Finance Database,” 2023; e “GDP (current US\$),” 2023.
38. Calculado a partir da “Monitor de la infraestructura china en América Latina y el Caribe 2021,” *Red Académica de América Latina y el Caribe*, Assesado em 4 de abril de 2023, https://www.redalc-china.org/monitor/index.php?option=com_content&view=article&id=438.

39. Calculado a partir da “Monitor de la infraestructura china en América Latina y el Caribe 2021,” 2023; e “GDP (current US\$),” 2023
40. Calculado a partir da “Monitor de la infraestructura china en América Latina y el Caribe 2021,” 2023.
41. Calculado a partir da “Monitor de la infraestructura china en América Latina y el Caribe 2021,” 2023; and “GDP (current US\$),” 2023.
42. Calculado a partir da “Monitor de la infraestructura china en América Latina y el Caribe 2021,” 2023.
43. “GDP (current US\$),” 2023.
44. Calculado a partir da “Monitor de la infraestructura china en América Latina y el Caribe 2021,” 2023.
45. Calculado a partir da “Monitor de la infraestructura china en América Latina y el Caribe 2021,” 2023; e “GDP (current US\$),” 2023.
46. Calculado a partir da “Monitor de la infraestructura china en América Latina y el Caribe 2021,” 2023; e “GDP (current US\$),” 2023.
47. Calculado a partir da “Monitor de la infraestructura china en América Latina y el Caribe 2021,” 2023; e “GDP (current US\$),” 2023.
48. Angus Berwick, “How a Chinese venture in Venezuela made millions while locals grew hungry,” *Reuters*, 7 de maio de 2019, <https://www.reuters.com/>.
49. Alexandra Valencia, “Ecuador power company discovers more problems at Chinese-built plant,” *Reuters*, 20 de julho de 2021, <https://www.reuters.com/>; e “Tres trabajadores chinos murieron en Ecuador,” *El Nacional*, 9 de julho de 2014, <http://www.el-nacional.com/>.
50. “Multa de USD 3,25 millones a CWE de China en el Toachi,” *El Comercio*, 15 de fevereiro de 2015, <http://www.elcomercio.com/>; and “La Corporación Eléctrica del Ecuador declaró incumplida a empresa china,” *El Comercio*, 8 de janeiro de 2016, <http://www.elcomercio.com/>.
51. Evan Ellis, “Chinese Engagement with Bolivia - Resources, Business Opportunities, and Strategic Location,” *Air & Space Power Journal en Español*, Segundo Semestre de 2016, 3–19, https://www.airuniversity.af.edu/http://www.airpower.au.af.mil/apjinternacional/apj-s/2016/2016-2/2016_2_03_ellis_s_eng.pdf; e “Rescinde Contrato con Empresa China,” *Los Tiempos*, 26 de janeiro de 2016, <http://www.lostiempos.com/>.
52. “Honduras’ Castro to visit China after cutting Taiwan ties,” *Reuters*, 30 de março de 2023, <https://www.reuters.com/>.
53. Evan Ellis, “El desigual avance militar, político y comercial de China en Panamá,” *InfoBAE*, 22 de março de 2023, <https://www.infobae.com/>; e R. Evan Ellis, “Chinese Engagement with the Dominican Republic – An Update,” *Global Americans*, 7 de maio de 2021, <https://theglobalamericans.org/>.
54. Arturo McFields, “China y Nicaragua: el dragón perdona, pero no olvida,” *NTN24*, 13 de dezembro de 2022, <https://www.nten24.com/>.
55. Evan Ellis, “Chinese Security Engagement in Latin America,” *Centro de Estudios Estratégicos e Internacionais*, Novembro de 2020, <https://www.csis.org/>.
56. Evan Ellis, “Colombia’s Relationship with the PRC,” *Centro de Estudios Estratégicos e Internacionais*, 10 de novembro de 2022, <https://www.csis.org/>.
57. Evan Ellis, *China–Latin America Military Engagement* (Carlisle Barracks, PA: US Army War College Strategic Studies Institute, Agosto de 2011), <https://ssi.armywarcollege.edu/>.

58. Evan Ellis, “Chinese Military and Police Engagement in Latin America,” in *Enabling a More Externally Focused and Operational PLA*, ed. Roger Cliff and Roy Kamphausen (Carlisle Barracks, PA: US Army War College Press, 2022), 51–66, <https://press.armywarcollege.edu/>.

59. “Chinese Army Donates Military Equipment To Guyana Defence Force -Will Enhance GDF’s Infrastructural Development Role,” Ministry of Foreign Affairs and International Cooperation, Cooperative Republic of Guyana, 3 de abril de 2017, <https://www.minfor.gov.gy/>; R. Evan Ellis, “China’s Engagement with Trinidad and Tobago,” *Global Americans*, 26 de março de 2019, <https://theglobalamericans.org/>; and “Defensa recibió donación de equipamiento militar de China por cuatro millones de dólares,” Office of the Presidency of Uruguay, official website, 16 de novembro de 2020, <https://www.gub.uy/>.

60. “Venezuela recibe radares chinos de largo alcance,” *Infodefensa*, 27 de setembro de 2019, <https://www.infodefensa.com/>; “Presidente Correa entrega vehículos a las FF.AA. y asegura que sus sueldos son los mejores de la región,” *El Comercio*, 7 de abril de 2015, <https://www.elcomercio.com/>; e “China dona 31 vehiculos militares a ejercito de Bolivia,” *La Prensa*, 30 de julho de 2016, <https://www.laprensa.com.ni/>.

61. Liu Zhen, “Chinese fighter jets’ South American hopes grounded as Argentina pulls purchase plan,” *South China Morning Post*, 17 de dezembro de 2022, <https://www.scmp.com/>.

62. “El Ejército de Perú adquiere sistemas de artillería chinos por 38 millones de dólares,” *Defensa.com*, 27 de dezembro de 2013, <https://www.defensa.com/>.

63. “Chinese vessel coming to Trinidad,” *Jamaica Observer*, 25 de fevereiro de 2014, <https://www.jamaicaobserver.com/>.

64. Carlos E. Hernandez, “La Guardia Nacional de Venezuela aumenta su flota de vehiculos blindados chinos Norinco VN4,” *InfoDefensa*, 3 de março de 2015, <https://www.infodefensa.com/>.

65. “Imputan a un general boliviano por la compra de helicopteros chinos para el Ejército,” *Infodefensa*, 13 de janeiro de 2020, <https://www.infodefensa.com/>; e Peter Watson, “Perú investiga la adquisición de los lanzadores múltiples Norinco a China,” *Infodefensa*, 5 de janeiro de 2017, <https://www.infodefensa.com/>.

66. “Huawei Cloud,” Huawei, site oficial, 2023, <https://www.huaweicloud.com/>.

67. Evan Ellis, “Chinese Surveillance Complex Advancing in Latin America,” *Newsmax*, 12 de abril de 2019, <https://www.newsmax.com/>; e R. Evan Ellis, “Colombia’s Relationship with the PRC,” *Centro de Estudios Estratégicos e Internacionais*, 10 de novembro de 2022, <https://www.csis.org/>.

68. Angus Berwick, “How ZTE helps Venezuela create China-style social control,” *Reuters*, 14 de novembro de 2018, <https://www.reuters.com/>.

69. Leland Lazarus and Evan Ellis, “How China Helps the Cuban Regime Stay Afloat and Shut Down Protests,” *The Diplomat*, 3 de agosto de 2021, <https://thediplomat.com/>.

70. Evan Ellis, “Latin America’s Perfect Storm,” *Global Americans*, 31 de agosto de 2022, <https://theglobalamericans.org/>.

71. Evan Ellis, *A Strategy to Respond to Extra-hemispheric Actors in Latin America and the Caribbean*, (Sheridan, WY: *IndraStra Global Publishing Solutions*, 5 de fevereiro de 2023), <https://play.google.com/>.

Dr. Evan Ellis

Dr. Ellis é professor de pesquisa especializado na América Latina e Caribe no Instituto de Estudos Estratégicos da Escola Superior de Guerra do Exército dos EUA. A sua pesquisa centra-se na relação da região com atores externos, crime organizado transnacional e populismo. Antes disso, ele atuou na Equipe de Planejamento de Políticas do Secretário de Estado, onde era responsável pelos Assuntos do Hemisfério Ocidental (WHA) e Narcóticos Internacionais e Aplicação da Lei (INL). Com mais de 440 obras publicadas sobre a região, incluindo cinco livros, o Dr. Ellis prestou testemunho ao Congresso dos EUA em várias ocasiões. Ele é um convidado frequente na televisão, rádio e mídia impressa nos EUA, América Latina e outras regiões, conhecido por sua experiência em assuntos latino-americanos.